

Entrevista



›REVISTA BRASILEIRA DE MÚSICA‹, V. 32, N. 2, JUL.–DEZ. 2019
PUBLICAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA
ESCOLA DE MÚSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO



Antonio José Augusto em 2016 (Arquivo da família).

Antonio José Augusto, músico e pesquisador brasileiro: um depoimento

*Sóstenes Siqueira*¹

Professor requisitado de seu instrumento, a trompa, Antonio José Augusto realizou por esta razão, na última década, inúmeras viagens à sua cidade natal de Belém do Pará. Em uma destas ocasiões, a 25 de abril de 2016, concedeu uma entrevista a seu aluno Sóstenes Siqueira em seu popular “canal” na plataforma *YouTube* da internet. A decisão editorial de transcrevê-la na íntegra para publicação neste volume da *Revista Brasileira de Música* justifica-se duplamente: por um lado, reconhece a incontestável e irrefreável pervasividade das modernas tecnologias de comunicação e de suas diversas ferramentas (aplicativos, plataformas etc.) em todas as esferas da vida contemporânea, e especialmente no cotidiano dos processos de ensino e aprendizagem, como aliás destacado por Antonio Augusto mesmo, no que segue; por outro lado, reconhece a efemeridade que acompanha a velocidade com que estas mesmas tecnologias e ferramentas fazem circular a informação, cuja fixação e sobrevida tornam-se assim incertas, e ainda a relevância de se oferecer de modo algo mais “formalizado” um depoimento do homenageado do volume que, esclarecendo o individual, isto é, aspectos da trajetória pessoal e profissional de Antonio Augusto, muito fala do universal, a saber sobre o que foi e é, para tantos outros, “ser músico”. A transcrição que segue, realizada por Thadeu de Moraes Almeida, oferece portanto um depoimento abrangente (apesar de não longo) no qual aqueles que o conheceram poderão reconhecer a sua voz, a agudeza de sua crítica e visão para variadas formas de organização musical no país (sempre abertas a

367

¹ Universidade Federal do Pará (UFPA).

um acalorado debate, como era-lhe próprio) e, finalmente, a generosidade com que se dedicou às novas gerações de músicos com que travou contato como professor, transmitindo-lhes sempre uma mensagem de otimismo e perseverança. Os editores desejam assim que uma parte de sua memória, captada de modo imprevisto ou acidental, seja preservada e mais amplamente conhecida.

SÓSTENES SIQUEIRA: Professor Antonio Augusto, muito obrigado. Como foi o início da sua carreira musical?

368 **ANTONIO JOSÉ AUGUSTO:** O início da minha carreira está envolvido diretamente com minha prática religiosa, com a prática religiosa da minha família na Igreja Católica, na Santíssima Trindade, onde nós fazíamos parte de um grupo de jovens, de um movimento de jovens. E ali eu comecei a ver as pessoas tocando violão, e aquela coisa de tocar na missa jovem, e acabei aprendendo a tocar violão, e logo estava tocando na Igreja também, tocava a missa das crianças, tocava a missa dos jovens. E fui me envolvendo com essa prática. E a minha ideia era ter um professor de violão popular para avançar nesta prática. Mas aí meu irmão mais velho, que era uma pessoa bem adiante do seu tempo, me aconselhou que eu procurasse uma escola de música. Inclusive, se ofereceu para abrir essas portas e me acompanhar até lá, desde que eu fosse em busca de uma formação mais sólida. Eu fui para o SAM,² naquela época com o saudoso Altino Pimenta, que era um dínamo da música, uma pessoa inesquecível... um mestre incrível. Ele nos dava “gás”, luta... tudo por seus alunos... um personagem emocionante e inesquecível. Como todo mundo ia para o SAM estudar violão ou piano, a coordenação pedagógica daquela época indicava que no primeiro semestre os alunos pudessem escolher dois instrumentos de orquestra, sendo um de cordas e outro de sopro. E assim, eu escolhi estudar viola e trompa. Graças a Deus eu só tive duas aulas de viola e logo eu decidi que a trompa seria o instrumento que eu gostaria de seguir estudando.

² “Serviço de Atividades Musicais”, atual Escola de Música da UFPA.

S.S. Professor, neste momento, de sua prática musical dentro da Igreja, quantos anos você tinha?

A.J.A. Vixe! Isso foi há muito tempo atrás, provavelmente entre 11 e 12 anos. Foi no mesmo período que eu comecei a estudar trompa.

S.S. Nós estamos na escola de música, uma pergunta, havia professor de trompa aqui nesta época?

A.J.A. Aqui havia um senhor, que era trompetista, o saudoso professor Waldemar Teixeira que foi o responsável para me dar os primeiros passos a respeito do funcionamento do instrumento e das suas particularidades. E também naquela época, Marcos Bonna, que era o aluno mais adiantado, estava indo continuar seus estudos em Brasília. Foi uma pessoa que eu assistia muito tocando. Lembro-me que ele tocava *Pompa e circunstância* do Elgar, enquanto estudava... foi uma imagem que me marcou muito, sem dúvida. Tinha, melhor, tem ainda um som belíssimo, e isso, realmente ficou na minha memória.

S.S. Bom, o professor Antonio Augusto é paraense. E muita gente fica surpresa ao saber! Então, professor, em que momento decidiu se tornar um músico profissional, pensou que queria investir em sua carreira de trompista, tocar em orquestra...?

A.J.A. Sinceramente, isso não houve. Foi um encontro tão transformador que, a partir do momento que eu comecei a estudar trompa eu não conseguia ver a minha vida de outra maneira. Para mim não existia esta possibilidade de pensar em outra profissão ou de... nunca existiu! Engraçado, pensando hoje, é como se sempre esta certeza e essa vontade sempre tivessem presentes. Não houve um momento que eu dissesse “a partir de hoje eu decidi que farei isto da minha vida”. Foi naturalmente.

S.S. Professor, vamos falar um pouco da sua formação profissional? Eu sei que a sua graduação foi em Brasília, como foi naquele momento sair de Belém?

A.J.A. Todo contexto era bem particular naquela época. Tudo era muito complicado, dentro do meu segmento social, o descolamento era algo

muito complicado. Um dia e meio dentro de um ônibus em uma situação insuportavelmente doída, sem ar condicionado. Imagina? Coisas impensáveis hoje em dia. Sem um telefone celular... Era quase que pegar uma caravela e ir para outro continente... Guardadas as devidas proporções, era uma audácia mesmo que a gente tinha que fazer. Era uma entrega à vida de uma maneira bem... não diria corajosa, mas... quase irresponsável mesmo. Imagina?

S.S. Quantos anos você tinha nesta época?

A.J.A. Eu comecei a ir para Brasília nos festivais de férias CIVEBRA.³ O Tinor organizava a ida de um grande número de alunos, cerca de trinta alunos, às vezes até um ônibus inteiro de alunos e era fantástico! Muita bagunça, muita música e muito aprendizado. Eu fui três anos seguidos. Foi aí que conheci duas pessoas muito importantes para mim: o Bohumil Med, que viria a ser meu professor em Brasília, e o Daniel Havens, que foi o meu professor em São Paulo. Havia um convênio entre a Universidade de Brasília e a Escola de Música, que era o SAM na época. Assim, nós fazíamos o vestibular para qualquer curso e fazíamos o Teste de Habilidade Específica para o curso de música e podíamos alcançar uma vaga na UNB. Foi assim que lá entrei juntamente com alguns colegas: a Graça [Oliveira-Plümacher], o Ricardo [?], o Afrânio [?] do fagote, o Celso [Gomes] do violino... o Marcos Bonna que havia ido, a Maria José [Moraes], a Soninha Chagas, o [Luiz] Pardal... bem, ele foi para Campinas, a Nelma [?]. uma grande geração de músicos [paraenses] que estudaram naquela universidade.

S.S. E como foi esse momento, tu estavas aqui em Belém, até então sendo auxiliado por um professor de trompete, chega em Brasília e começa a estudar com professor Bohumil com uma outra visão, uma outra abordagem de ensino, uma outra cultura... Como foi este contato e o seu aprendizado com ele em quatro anos?

A.J.A. Acho que foi um “processo civilizatório”, porque o Bohumil teve que fazer além do processo técnico um processo comportamental tam-

³ Curso Internacional de Verão de Brasília.

bém, de responsabilidade de saber me comportar em sua sala... diversas situações, coisas de jovens, de fazer bagunça... ele era muito rígido, extremamente rígido... então, ele foi o responsável por me enquadrar num processo de disciplina musical. E foi um choque, pois eu já tocava algumas coisas, tive que começar do zero, desde nota longa, arpejos... foi muito complicado. Ele também foi meu professor de teoria, ritmo e solfejo, e dava suas aulas com seus famosos métodos, os quais fiz integralmente. Era um esquema tipo Europa Oriental, muito sério, no sentido da rigidez e controle. Mas eu não completei o curso [na UNB], quanto eu estava no segundo ano eu ganhei uma bolsa para estudar na Inglaterra, e como eu não tinha instrumento, eu tive a oportunidade de ir tocar na Orquestra Sinfônica de Campinas para trabalhar e juntar um dinheiro para ir para Inglaterra depois. Em Campinas, eu comecei a ter aula com meu querido e grande mestre, meu amigo do peito até hoje, que é o Daniel Havens. Uma amizade de trinta e dois anos, que é muito profunda e forte. A gente se fala constantemente até hoje... foi um divisor de águas em minha vida.

371

S.S. Estamos falando de trompistas com escola diferentes, professor Bohumil versus professor Daniel. Sentiu alguma diferença na maneira de tocar? Teve que fazer de novo este “zerar”? Como que foi?

A.J.A. Não, não passei por isto. Daniel tinha uma proposta metodológica diferenciada, sabia pegar o material que tinha na mão e construir dentro dos parâmetros que ele considerava aceitável. Ele vinha de uma tradição muito forte de [James] Chambers, de uma escola americana bem definida e precisa. Foi um trabalho de um pouco de desconstrução, de tipos de articulação, de maneiras de tocar, porém, aproveitando toda a base que eu já tinha. Daniel nunca propôs rupturas, mas sempre pontes, isto o torna um artista muito interessante.

S.S. Então, pode-se dizer que ele foi um pai para os diversos professores atuantes hoje em dia, formando vários trompistas?

A.J.A. Sim, claro! Todos os trompistas de São Paula naquela época. O próprio Marcos Bonna foi aluno dele, o Natal [?], o professor Almário

[?] teve uma influência muito grande pelo Daniel. Eles tocaram juntos na OSESP⁴ durante anos... não sei te enumerar quantos... o Marcelo Silva, o Cisneiro [Soares de Andrade]... Tem também uma geração de outros trompistas diferente da minha, como o André Ficarelli, que eu sei que foram formados por ele, mas eu não sei dizer o número exato.

S.S. Professor, vamos falar um pouco da sua experiência internacional. Como foi?

A.J.A. Foi fantástico! Uma pena não ter tido naquela época a cabeça que tenho hoje, com certeza teria sido mais produtivo. Eram outras épocas... assim, a comunicação e a troca eram bastante complicadas. Ligava para casa uma vez por mês e as cartas levavam semanas para chegar no seu destino... Então, uma época de isolamento muito grande do meu *background* e uma entrega total àquilo que estava fazendo lá. Dentro de uma estrutura completamente diferente do que a gente tinha, e tem até hoje, uma universidade com todo equipamento e estruturas diversas, orquestras sinfônicas e de câmara, *big bands*, quintetos, sextetos de sopros... Com este pude viajar bastante para representar a orquestra da universidade. A orquestra de câmara era formada pelos melhores alunos que também viajavam não somente pela Grã-Bretanha, como também para outras cidades por perto. Assim, era uma outra estrutura, e foi fantástico! Lá eu estudei com James Beck, que era o primeiro trompista da English National Opera. Que já havia tocado por muitos anos em Londres e estava praticamente se aposentando e foi para essa escola onde ele podia ter uma atuação mais dedicada ao ensino.⁵ Tinha uma classe pequena, mas com bons alunos que atuaram por muitos anos na Grã-Bretanha e estão como eu, quase se aposentando. Foi um período áureo em minha vida, muito legal, muito interessante.

S.S. E dali voltou para o Rio de Janeiro?

A.J.A. Não, quando voltei, eu fui para Curitiba. Como eu falei, em 1984, antes de ir para a Inglaterra, havia passado no concurso para tocar na

⁴ Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo.

⁵ Trata-se da Royal Welsh College of Music and Drama.

OSESP, a mesma orquestra [em] que o Daniel também tocava. Fiquei lá por quase um ano, período que antecedeu a liberação da minha bolsa. Lá tive a experiência de tocar com Eleazar [de Carvalho], com o Daniel sendo [primeira] trompa, um impressionante chefe de naipe. Então, quando voltei, deveria ter voltado para a estadual, para ocupar o posto em que estava licenciado. Mas, por questões políticas e de organização interna, acabaram me impedido de ocupar aquele lugar como deveria ser. E, então, acabei indo para Curitiba após ter prestado concurso para a Sinfônica de lá. Pouco tempo depois, aconteceu o concurso para a OSB⁶ e foi quando eu fui definitivamente para o Rio de Janeiro, em julho de 1988.

S.S. Entrando neste universo orquestral, depois de tocar por trinta e dois anos, como você observa este mercado, para que os pais de jovens instrumentistas possam investir na educação musical de seus filhos? Há mercado para trompista ou para outro instrumento de orquestra? Podemos observar em algumas orquestras que os mesmos músicos costumam ocupar o mesmo naipe por 25 anos, por exemplo. É claro que há uma diferença n[a qualidade] final do trabalho... E hoje em dia não se vê isso por aqui.

A.J.A. Existem algumas exceções quanto a isto. Por exemplo, o naipe da Petrobrás Sinfônica que eu toco hoje está junto há pelo menos vinte anos. Mas esta orquestra tem outra característica, é uma orquestra administrada por seus músicos, claro que depois um determinado momento histórico, há cerca de quinze anos. E isso dá um diferencial nessa relação. Em geral isso não acontece porque, infelizmente, as nossas orquestras reproduzem o que é a nossa sociedade. Apesar delas terem um objetivo final, que [é] a arte, a propagação dessa arte, e com isso a participação ativa na sua comunidade, na sociedade na qual está inserida... servindo como um instrumento de transformação e apoio das angústia e dos novos caminhos desta sociedade, acontece exatamente o contrário. Estas instituições se tornam estranhas à sua própria comunidade, se tornam, geralmente, espaços de preservação de determinados poderes ou de de-

⁶ Orquestra Sinfônica Brasileira.

terminadas pessoas, e perdem todo este sentido coletivo que elas deveriam ter. Então, entre tantas consequências deste erro grave, existe esta péssima relação com os músicos, das instituições com os músicos, e dos próprios músicos com seus pares também, por estarem contaminados por esta visão retrógrada que ainda se mantém em nossas instituições sinfônicas.

S.S. A primeira vez que eu vi o professor Antonio foi num festival, não me lembro o ano, era um garoto... Cheguei perto dele depois de um concerto e falei: Professor, quero ter aula de trompa, a gente não tem professor no Conservatório [Carlos Gomes⁷], como a gente faz para estudar com o senhor?... Aí ele me disse: Sim, meu filho, a gente vai marcar, vamos marcar com calma. Então, após todo o seu processo de formação profissional, residindo em diversas cidades..., como foi o seu regresso à sua terra natal criando uma nova geração de trompistas, da qual sou fruto, aqui em Belém?

374

A.J.A. Foi um privilégio, é muito bom ter a oportunidade de agradecer e retribuir a quem te deu tanto. O estado do Pará, a cidade de Belém, me deram o máximo que era possível oferecer. Estava tocando na OSB quando a convite da professora Ana Maria Peixoto, eu vim tocar num dos festivais e a partir daí surgiu a possibilidade da criação do curso de Bacharelado em Trompa por módulo da UEPA.⁸ E, a seu convite, imediatamente aceitei. A sua foi a primeira turma, com outros alunos como o Paulinho, Feijão, Vanquer, depois o Jorge... foi uma época com muitos alunos, cerca de dezenove, se não me engano. É um trabalho incrível. Esta nova realidade é um pouco distante da do SAM, na década de 1970, na qual o Conservatório dedicava-se quase que exclusivamente ao ensino de piano. Depois iniciou-se o projeto Espiral, em que a FUNARTE proporcionou a vinda de professores de cordas que revolucionaram o ensino de violino e violoncelo aqui. Com o passar dos anos o Conservatório passou a ser a instituição de ensino dos instrumentos de orquestra e o SAM estava bastante debilitado como instituição. Foi um trabalho for-

⁷ Atual Instituto Estadual Carlos Gomes.

⁸ Universidade do Estado do Pará.

midável, muitos alunos, muitos instrumentos... foi uma efervescência de projetos de interiorização... trazendo alunos do interior para estudar... É isso “contaminou” a todos, o SAM retornou como seu *status*, hoje possui uma estrutura impressionante. Tudo o que vemos acontecendo hoje é fruto desta efervescência do passado. Antes você me perguntou a respeito do mercado para o músico, e digo que o mercado é sempre o resultado da existência dos músicos, os profissionais fazem este mercado existir. Não tem como criar um mercado para abrigar os profissionais, os próprios músicos criam este mercado para abrigo das demandas que eles têm. E estas demandas são dinâmicas, elas vão sendo modificadas, não são estáveis. As instituições oficiais não dão conta, vão sendo criados outros grupos, outras atividades, outros tipos de atuação em diálogos com outras práticas... Isto tudo vai dinamizando e criando um mercado que a gente nem imaginava que houvesse.

S.S. Professor, você coordena o ArtMetal Quinteto, que gravou alguns discos de música brasileira. Você também integra o Trio da Canção Brasileira, que fez uma turnê pela América Central, que tocou no International Horn Symposium, nos Estados Unidos... Dentre outros trabalhos... o que tem de projetos para os próximos anos?

A.J.A. Com a atual crise econômica que vivemos, nós vemos uma retração de lugares e oportunidades de realizarmos novos projetos. Curiosamente existe um fenômeno que é bastante interessante e bastante perigoso em certo sentido, que a música de concerto está perdendo espaço junto do público e se recolhendo cada vez mais dentro das universidades públicas. Excluindo as instituições sinfônicas, os trabalhos de música de câmara e de pesquisa estão praticamente restritos ao meio acadêmico. Acaba que os meus projetos estão quase que por completo vinculados a essa produção acadêmica, que é ao que estou mais conectado no momento. Mas continuo produzindo, a minha força motriz, o meu grande desejo é o de sempre trabalhar com música de câmara, por achar mais interessante, e onde o músico tem condições de ser o seu chefe. É ele que pensa o repertório, como e com quem ele quer tocar... E deste modo pode desenvolver sua personalidade artística. É um trabalho muito diferente

daquele da vida de orquestra, que tem uma vida institucional. Então, assim, eu continuo com o ArtMetal Quinteto, acabamos de gravar um CD com as obras de Henrique Alves de Mesquita. Na próxima semana faremos uma apresentação de uma *Fantasia* do Francisco Braga, escrita com temas de óperas de Carlos Gomes. Esta é uma linha de um projeto que, possivelmente, devemos seguir: falar um pouco de ópera brasileira através da música para metais. Junto com outros trabalhos, tenho o do Duo Omnia Brasil, que faço com o Thadeu Almeida, no qual fazemos um trabalho enorme de pesquisa para trompa e órgão, publicando artigos e apresentando diversos trabalhos, como no Simpósio de Práticas Interpretativas da UFRJ, no ano passado, por meio de um recital-conferência. Já estivemos aqui em Belém, logo no início do nosso duo, na ocasião fizemos um recital de trompa e piano. Nosso projeto privilegia a música brasileira, mas temos feito várias primeiras audições, não somente de compositores brasileiros como de estrangeiros também. Descobrimos há pouco tempo a primeira obra escrita para trompa e piano, de 1885 (se não me engano): uma *Rêverie*, de um compositor brasileiro do século XIX chamado Carlos de Mesquita, que a gente pretende gravar. Então, a gente continua fazendo este trabalho de pesquisa, “cavucando” novos materiais, tentando com isso promover um melhor entendimento da trompa no repertório brasileiro e internacional. Como Trio da Canção Brasileira, temos toda uma produção que é voltada às descobertas de músicas no vernáculo (português), que é um trabalho direto com literatura e poesia, que é algo que me encanta demais. Neste trio tenho a oportunidade de trabalhar com a Terão [Chebl], que é a esposa do Daniel Havens; e com a Dione [Colares] que é uma cantora daqui de Belém, que juntos formamos um verdadeiro encontro de almas. Temos o Ágapa Trio, que junto comigo tenho a pianista Maria Teresa Madeira e a violinista Ana de Oliveira. E também a Banda Anacleto de Medeiros, que é uma banda de câmara que se dedica à música brasileira dos séculos XIX e XX para esta formação. Na verdade, temos muitos trabalhos, muitos projetos em diferentes áreas. Por exemplo, há muitos anos estamos trabalhando com o Festival Villa-Lobos, na formação de conjuntos de música de câmara.

Neste festival promovemos um concurso, neste ano estamos na quinta edição do concurso... Então, o grande projeto que tenho neste momento é o de me dedicar e divulgar cada vez mais a música de câmara brasileira, este é o meu grande interesse.

S.S. Professor, como sempre, a gente tem algumas perguntas dos que nos assistem. A primeira pergunta é do trompista Arnon Cesar: quais são os segredos e maiores desafios para se manter em atividade durante tanto tempo num grupo de câmara como quinteto de metais? E quais são as ferramentas para se buscar apoio das entidades públicas e privadas?

A.J.A. Poxa vida! Em um grupo de câmara, principalmente aqui no Brasil, existe sempre aquele que é o burro de carga. Aquele que decide que ele quer fazer um trabalho de música de câmara. Então, esta pessoa é o motorista, o presidente da empresa, o *office-boy*, o carregador, o arranjador, é uma decisão pessoal mesmo. É muito raro você ter um encontro de várias pessoas vibrando na mesma direção. O segredo talvez seja uma decisão pessoal, eu quero ter um grupo de câmara. No momento que você decide o que você quer, você passa a assumir uma atitude de tolerância diante dos problemas que acontecem; você passa a assumir uma atitude de humildade em relação aos seus colegas... de entender o universo, as limitações, as dificuldades de todos nós; e você passa a trabalhar para que aquele ideal dê certo. Assim, o segredo é você acreditar! É você querer ter um grupo de câmara, é o único jeito! Porque é só dificuldade, é só pedreira.

S.S. A segunda pergunta é de Daniele Souza, uma nova aluna de trompa daqui de Belém. A pergunta é a seguinte: É possível sobreviver como músico?

A.J.A. [Depois de alguns risos] Sim, é possível! Ouvei uma coisa muito engraçada há poucos dias durante a aula inaugural de início de ano na UFRJ, os responsáveis por esta aula foram o Tim Rescala e o Ivan Lins. O Tim falou assim: “quando eu comecei a estudar música, era muito difícil, porque o lance era ser engenheiro ou ser médico, a diferença do que ganhava um engenheiro ou um médico era muito grande do que ganhava

um músico. Hoje em dia, como ninguém ganha bem, nem o engenheiro, nem o médico, então está fácil. Estão todos ferrados mesmo!” Assim, não faz muita diferença você ser advogado ou ser músico. Mas lógico, isso é uma brincadeira. Mas sim, é possível sobreviver sim, desde que você tenha uma esperteza de saber diversificar o seu conhecimento. Quer dizer: o que é ser músico? É ser instrumentista? É possível viver como instrumentista. Também é possível viver como um professor, como um arranjador, como um produtor musical... Ser músico hoje é uma possibilidade muito ampla. A palavra “músico” ou o que é “ser músico” carregam hoje muitos mais significantes do que carregavam há vinte anos, onde [isso] se resumia a ser instrumentista, compositor ou professor. Diante aqui de você, com esta procura em saber gravar uma entrevista, em armazenar esta memória, e ao mesmo tempo é o mesmo equipamento que você usa para gravar suas produções, fazer suas aulas... Quer dizer, você dialoga com diversos saberes, com diversos conhecimentos que se unem... e que no fim se relacionam com sua forma de tocar. Então eu digo que sim, é possível. A própria profissão está em mutação, hoje ela está criando outros mecanismos, com necessidade de se conhecer e de se atuar em outros campos, se atualizando. Ser músico é como ter qualquer outra profissão, você precisa ter conhecimento, ter competência e amor.

S.S. Vamos para nossa última pergunta. Sempre com o intuito de ajudar as pessoas, os alunos, os trompistas, ou aqueles que estudam outro instrumento. Gostaria de refletir um pouco sobre as dificuldades do músico: o professor Antonio Augusto, por exemplo, no final da década de 1970 encarou diversas dificuldades para estudar música e conquistou seus objetivos. Queria, professor, que desse uma palavra de incentivo para aquele aluno que não tem um professor, que não tem um local apropriado, que possui um instrumento muito ruim, que carece de uma escola de música em sua cidade. Qual é a sua palavra de incentivo que você daria para este?

A.J.A. As dificuldades sempre existem. Havia dificuldades do meu tempo e existem dificuldades deste tempo. Mas sem dúvida há uma diferença muito grande no que diz respeito ao acesso à informação. Hoje temos esta

ferramenta maravilhosa que é a internet, que nos aproxima do mundo inteiro. Assim, podemos assistir a um concerto da Filarmônica de Berlim, podemos assistir uma aula, entrar em contato com outros profissionais do mundo inteiro. Podemos vivenciar com o mundo inteiro o sentido de “ser músico” ou mesmo se aproximar deste enorme sentimento que é o de “ser artista”. Fora isso, temos acesso a um material vastíssimo como o que nos proporciona o IMSLP, com partituras e obras diversas.⁹ Ou seja, as possibilidades são muitas. O importante é manter sempre vivo este desejo de se superar. Para além da questão do trompista, eu acho que quem tem este chamado para música, para o instrumento, na verdade tem um chamado para a vida. Quer algo diferente, quer conhecer algo diferente, quer pulsar de uma maneira diferente. Se entregue mesmo! Agora pouco você me perguntou: “em que momento você decidiu ser músico?”. Eu digo, não há este momento. Na verdade nós somos isto, há algo dentro da gente que temos que cultivar e deixar que aconteça. E com certeza os resultados serão os melhores possíveis. Acredito que no nosso mundo de hoje exista espaço, espaço para todos. Continuem firmes!

379



⁹ International Music Score Library Project (<https://imslp.org/>).

SÓSTENES SIQUEIRA

Com Graduação em Música e Pós-Graduação em Docência da Educação Superior pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), foi aluno de Chromácio Leão e Antonio José Augusto. Integrou a Young Orchestra of the Americas em 2013, realizando turnês por países da América Central (Panamá, Costa Rica, Nicarágua, El Salvador, Guatemala e Belize), e estudou posteriormente na Hochschule für Musik de Karlsruhe com o trompista Will Sanders. Em Belém, atuou por quatorze anos como trompista da Orquestra Sinfônica do Teatro da Paz. Professor de trompa e música de câmara da Escola de Música da Universidade Federal do Pará (UFPA), é integrante do Sexteto de 7 e trompista do ensemble Bronzes da Amazônia. Criador do site canaldatrompa.com, tem se dedicado à divulgação da trompa no ambiente virtual através de videoaulas, entrevistas e *performances*. E-mail: sostenesnathalia@gmail.com